

Uma sociedade de aparência: a joalheria em Sabará, Minas Gerais no século XVIII



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v9i1.1600>

Luiz Henrique Ozanan

Doutor em História pela UFMG

Professor Adjunto Escola de Design -UEMG

lozanan@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0003-1960-8457>

Edson José Carpintero Rezende

Doutor em Ciências da Saúde pela UFMG

Professor do PPG da Escola de Design -UEMG

edson.carpintero@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0003-0692-0708>

Recebido em: 11/07/2015 – Aceito em 18/06/2016

Resumo: O texto aponta os diversos atores sociais que produziram, comercializaram e usaram joias na antiga Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, hoje cidade de Sabará, um antigo arraial que se transformou em um dos maiores centros produtores de ouro de Minas Gerais no século XVIII. Pretende-se estabelecer as diversas relações e posturas daquela sociedade perante o uso e a posse de joias. Cada possuidor de joia naquele período tinha uma justificativa para tal utilização, sendo as mais comuns a demonstração da religiosidade e a demonstração do poder que essas joias proporcionam. A abordagem passa por quais os atores e quais suas expectativas com relação ao uso das joias, bem como a relação entre os tipos mais utilizados, sempre embasados na documentação produzida pelos cartórios de Sabará durante o século XVIII. Vamos, nesse texto, entender como joia, o artefato feito a partir de materiais nobres, como ouro e prata, com ou sem o uso de pedraria.

Palavras-chave: Joalheria, Minas Gerais, Design de joias, Cultura Material.

Abstract: The text points out the various social actors that produced, marketed and used jewelry in old Vila Real de Nossa Senhora da Conceição of Sabara, today city of Sabara, an ancient village that has become one of the largest producers of gold centers of Minas Gerais in century XVIII. It is intended to establish the various relationships and attitudes that society to the use and possession of jewelry. Each jewel possessed at that time had a justification for such use, the most common being the demonstration of religion and the demonstration of the power that these jewels provide. The approach which permeates the actors and what their expectations regarding the use of jewelry, as well as the relationship between the most popular types, always grounded in the documentation produced by the notary Sabara during the eighteenth century. Come on, this text, understand how jewel, the artifact made from noble materials such as gold and silver, with or without the use of precious stones.

Keywords: Jewelry, Minas Gerais, Jewelry Design, Material Culture.

¹ Gema, o mesmo que pedra preciosa, é um mineral, rocha ou material petrificado que, quando lapidado ou polido, pode ser usado para adorno pessoal em joalheria. Algumas são orgânicas, como o âmbar (resina de árvore fossilizada) e o azeviche (uma forma de carvão). Em Minas Gerais, as gemas coradas mais conhecidas eram, no período colonial, ametista, diamante e topázio. SCHUMANN, Walter. Gemas do mundo. 9ª edição ampliada e atualizada. Barueri, SP; Disal Editora 2006.

Introdução

Com o descobrimento do ouro em Minas Gerais no final do século XVII e das pedras preciosas no século seguinte, houve, em função da entrada desses produtos, uma melhoria na economia portuguesa. Tais acontecimentos ensejaram um trânsito intenso de pessoas no território mineiro. Eram mineradores, aventureiros, comerciantes, administradores, escravos, libertos, enfim vários atores vindos das mais diferentes partes do mundo então conhecido que se influenciaram continuamente, podendo experimentar formas de mobilidade até então desconhecidas na colônia.

Na sociedade da antiga Comarca do Rio das Velhas, desde sua fundação em 1714, havia pessoas de diferentes qualidades e condições e que se ataviavam com diferentes tipos de joias. Essas joias serviam para demarcar sua distinção social além de outras funções, como forma de proteção, por exemplo. Peças de ourivesaria vindas de Lisboa, Porto ou Coimbra se juntavam àquelas produzidas na América portuguesa, algumas produzidas por ourives que atuavam em Minas Gerais desde o início do século XVIII.

O ouro foi o metal preferido para a confecção de joias. As gemas¹ coradas faziam parte dos bens que vários grupos sociais possuíam. Outros materiais foram incorporados ao ouro pelos artífices, ourives e joalheiros nas Minas Gerais, dentre eles os materiais que eram utilizados com maior frequência no continente africano ou no Oriente, como o azeviche, o âmbar, as pérolas e o coral. Esses materiais eram cravados em diferentes modelos de peças, com diferentes desenhos e que foram apropriados tanto no Brasil quanto no Oriente. O comércio, de acordo com Paiva (2006),

agrega dimensões tão ou mais importantes que a permuta material, isto é, constitui-se na dimensão do trânsito de culturas, de gostos, de formas, de saberes, de práticas, de ideias, de representações, de tradições, assim como passa a fomentar a produção de novas formas de viver e de novas formas de pensar.²

Alguns objetos estão ligados de forma direta ao homem e são portadores de significados que mediam as relações humanas. Os ornamentos corporais pertencem a essa classe. Autores como Jean Baudrillard defendem que “os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas mais por objetos”.³ Dessa maneira as joias sempre ocuparam um lugar na história e são vistas nesse contexto, não só como um adorno, mas também como um objeto carregado de símbolos e signos, com variadas funções e usos.

Desde os primórdios o ser humano sentiu a necessidade de se adornar. Seja com ossos, pedras, conchas e mesmo madeira, o homem precisou destacar-se do restante por meio de um atavio qualquer. As mulheres receberam, ao longo da história, o estigma de seres as apreciadoras de joias, então, grande maioria das peças que adornam o corpo humano foram feitas para elas. Alguns homens também investiram dinheiro e tempo em busca de um ornamento que os representasse, criando artefatos próprios para o uso masculino foram como relógios, broches e insígnias militares.

As joias eram usadas para ataviar os usuários, mas com o tempo e dependendo da cultura outras foram agregadas ao elemento precioso de ornamento por excelência como símbolo de poder, riqueza ou mesmo sentimento. Essas funções ficam claras quando se estuda alguns tipos de documentos produzidos pela sociedade. Para este artigo, escolhemos a leitura e análise de inventários “*post-mortem*”.

²PAIVA, Eduardo França. Trânsito de culturas e circulação de objetos no mundo português. In: PAIVA, E. F. Brasil-Portugal: sociedades, culturas e formas de governar no mundo português - séculos XVI-XVIII ». São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2006, p. 113-129.

³BAUDRILLARD Jean. A sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Ed. 70, 2007. p.15

Os inventários são documentos produzidos pelos juizados especializados, como o Juizado de Órfãos e a Provedoria dos Defuntos, Ausentes, Capelas e Resíduos. A dinâmica dos inventários era a seguinte: após a morte, executava-se o levantamento pormenorizado do patrimônio dos inventariados, com o propósito de garantir aos órfãos ou aos herdeiros ausentes a parte que lhes era devida do quinhão da herança. Além disso, havia a retirada da terça para o cumprimento das últimas vontades, pagamento de dívidas referente a gastos e serviços de terceiros. Esses documentos extrapolam a simplicidade do arrolamento e da descrição dos bens do defunto. A minúcia na descrição dos bens de raiz, como os imóveis, bens semoventes (animais e escravos), além dos objetos profissionais e de uso pessoal mostrava a necessidade de não haver equívocos sobre esses bens que seriam adjudicados aos herdeiros, sem prejuízo de nenhum deles. São incontáveis riquezas de informações advindas da leitura desses registros.

Ao longo do processo de inventário, algumas peças podem lhe ser acrescentadas como mandatos, petições, avaliações e outros tantos procedimentos relacionados ao prosseguimento da herança. Essa variedade de documentos anexados ao inventário torna-o fonte documental privilegiada, recheada de informações paralelas sobre o convívio social, econômico, político e religioso, e, no presente caso, informações sobre as joias, como origem e destino das peças.

A partir do século XVIII, em Minas Gerais, houve os que usavam joias em festas populares, ou em outras ocasiões especiais. Parece ter havido uma parcela da população que utilizava joia cotidianamente, haja vista a quantidade de peças de ouro lavrado encontrado na documentação descrita como sendo “de seu uso”. Poucos parecem não ter se adornados de maneira alguma, em face da quantidade de joias descritas em inventários.

Algumas joias, como mencionado anteriormente, possuíam pedras cravejadas, já que essa região foi conhecida pela quantidade de lavras e minas. Porém, boa parte dessas pedras era levada para os grandes centros produtores de joias como Porto e Lisboa pelos lapidários que vinham diretamente de Portugal com esse intuito. Os diamantes, por exemplo, antes da descoberta na Comarca do Serro Frio eram retirados de Bengala e Bornéu na Índia.

Os comerciantes judeus detinham o monopólio da comercialização dos diamantes. Além disso, negociavam além “especiarias, tabaco, açúcar, vinhos, óleos, marfim e pau-brasil, desde o século XVI, e mais tarde, igualmente, os diamantes do Brasil”.⁴ Não só o diamante, mas também outras gemas fizeram parte de seus negócios vindos da região das Minas Gerais. O comércio compreendia também certos artigos como tecidos em lãs grosseiras, agulhas, alfinetes, tecidos de luxo como a seda, na verdade seu interesse era a “busca de joias e metais preciosos”, como alerta Salvador (1992),⁵ que continua explicando se tratar de falsos comerciantes eram ourives de olho na produção do metal e das pedras preciosas.

A maioria das peças encontradas nos documentos mineiros do século XVIII eram peças de temática religiosa, constatada pela grande quantidade de breves⁶, Nossas Senhoras, rosários, crucifixos entre outras. Algumas dessas joias podiam ser flagradas adornando santas ou santos, não obstante deixavam de ser artefatos de adorno. Quando se pede a Deus ou aos santos, normalmente oferecemos o que melhor temos, e muitas vezes acreditaram que as joias eram esse melhor Ainda está muito enraizado no catolicismo o critério de para Deus e os santos o melhor, o mais rico e o mais vistoso.

⁴SALVADOR, José Gonçalves. Os cristãos-novos em Minas Gerais durante o ciclo do ouro (1695-1755): relações com a Inglaterra. São Paulo: Pioneira; São Bernardo do Campo, SP: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1992. p. 55.

⁵SALVADOR, José Gonçalves. Op. cit. p. 51

⁶nome dado a jóia de temática religiosa, composta por um recipiente oco, passível de ser aberto mediante a um espigão em forma de rosca. Seu nome pode estar relacionado aos breves apostólicos, sendo possível inserir neste ornamento, passagens bíblicas. O mesmo que Bentinho, um escapulário que contém uma oração. “Mas não só de valor econômico se vale uma peça. Os sentimentos podem estar igualmente plasmados nas jóias que se envergam, traduzidos pelos materiais usados e/ou pela iconografia nelas presentes. A simbologia religiosa através de várias tipologias: cruces, relicários, breves, medalhas, pendentes com iconografia religiosa, como Nossa Senhora da Conceição podem ser sinônimo de fé, devoção, religiosidade e superstição da pessoa que a enverga, nestes casos essencialmente usados pela mulher”

⁷APM Códice número 90, D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, folha número 40, in: TRINDADE, Cónego Raimundo. Ourives de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX.

⁸APM livro de Rec. E Desp. da Irmandade, folha 64v. in: TRINDADE, Cónego Raimundo. Op. cit.

⁹APM - livro de registros de termos de visitas da freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Pitangui – folha 55 do Arquivo da Cúria de Mariana. in: TRINDADE, Cónego Raimundo. Ourives de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX.



Fig. 1 – Imagem de Nossa Senhora da Conceição.
Altar-mor da Igreja de Nossa Sra. da Conceição em Sabará/MG.

Em Minas Gerais, durante o século XVIII, alguns ourives portugueses influenciaram o gosto pelo adorno corporal. O ourives Pantaleão da Costa Dantas aparece no Censo Geral dos Ofícios, realizado entre 1746 e 1747 na Comarca de Vila Rica.⁷ De 1752 para 1753, recebeu 01 (uma) oitava de ouro pelo conserto de um artefato de prata da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sabará.⁸ Esse ourives alcançou também a patente de Sargento-mor, como se pode ver em diversos assentamentos de batismo e registros de casamentos de filhos seus. José Félix Lisboa exerceu igual ofício de ourives em Sabará. No livro de Termos e Registros da freguesia de Nossa Senhora do Pilar, de Pitangui em 1738, pode-se ler que era “Solteiro, ourives, natural da cidade de Lisboa, morador nesta Villa”.⁹

Entre 1746 e 1747, Manuel Cardoso Passos foi “Morador em Ouro Preto, figurando no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica”.¹⁰ Em 2 de agosto de 1749, constava no registro de uma carta de exame para exercer a ourivesaria, que lhe foi passada na cidade de Braga.¹¹

Francisco de Matos Pereira atuou em 1722 na freguesia de Guarapiranga, que pertencia ao Termo de Mariana. Era, segundo documentos da época, “Natural de Lisboa, de presente morador nestas minas freguesia de Guarapiranga, homem casado em Portugal, que vive de seu ofício de ourives do ouro, de idade de trinta anos, pouco mais”¹².

Os africanos também estavam acostumados com o trato de ornamentos corporais como se pode ver em relatos atestando o gosto africano pelos adornos e atestada por alguns portugueses quando chegaram ao continente africano, nos escritos de Duarte Barbosa.¹³ No livro do viu o ouviu no Oriente, o comentarista português registrou que o uso do atavio era bastante comum entre homens e mulheres africanas. Ele descreve

¹⁰APM - código numero 90, DF, Avulsos do Arquivo Público Mineiro. in: TRINDADE, Cônego Raimundo. Ourives de Minas Gerais.

¹¹APM - Código numero 4, Câmara Municipal de Villa Rica, folhas 2 e 3. In: in: TRINDADE, Cônego Raimundo. Ourives de Minas Gerais.

¹²Livro de registros de termos de visitas da Comarca de Ribeirão do Carmo, folhas 171, do Arquivo da Cúria de Mariana.

¹³Duarte Barbosa foi ajudante de feitor nas feitorias de Cochim e Cananor (ambas na Índia) em 1502, cargo esse que tinha sido ocupado pelo tio, Gonçalo Gil Barbosa. Foi tradutor das mesmas feitorias, primeiro escrivão de Cananor entre 1511 a 1513 e escrivão de Calecute entre 1513 a 1516. Publicou em 1518 um livro que relata o encontro dos portugueses com comerciantes africanos. LIVRO do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa. Lisboa: Publicações Alfa, 1989. Para a biografia do cronista, ver BARRETO, Luís Filipe. Em torno de Duarte Barbosa. Novos dados bibliográficos, In: Broteria, Lisboa, 111 (5) Novembro de 1980, pp. 431 - 437

¹⁴LIVRO do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa, p. 24
FARELLI, Maria Helena. Balangandás e figas da Bahia: o poder mágico dos amuletos. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 1981, p. 15. A autora abre uma discussão em torno do nome da peça. Segundo ela, há diferença entre o BALANGANDÁ e BARANGANDÁ, sendo este, objetos de crença religiosa, usadas pelas baianas do Candomblé inserindo amuletos de seus orixás, enquanto o balangandá são joias para enfeite, adorno, decoração. Quanto ao material utilizado na confecção dos berloques, todas as figas listadas nos inventários mineiros foram feitas em ouro. Ver também: VASCONCELOS, José Leite. Signum Salomonis, a figa, a barba em Portugal. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1996

¹⁶(verônicas, de acordo com FONSECA, Simões, Dicionário da Língua Portuguesa, p. 1178, H. Gaurnier Livreiro –Editor, S/d.designavam a imagem de rosto e corpo de santo impressa ou gravada)

a forma de ornamentação dos nativos, pois eles andam “assaz bem ataviados de muitos panos de ouro e seda e de algodão”, também as mulheres que ele descreve usam de “muito ouro e prata em cadeias e manilhas que trazem nos pés e nos braços e muitas joias em as orelhas”.¹⁴

Os africanos, junto aos europeus e asiáticos foram responsáveis pela difusão do gosto pela utilização de joias em terras brasileiras. Percebe-se que quase toda essa gente que viveu na região das Minas Gerais do período colonial usou joias de alguma forma e os exemplos de peças encontradas nos documentos atestam tal prática. Protegiam-se, no caso, com pequenos artefatos confeccionados em ouro ou prata e usados como joia. Contra o mau-olhado, usando pequenos objetos presos a uma corrente, geralmente na cintura. Era o balangandã, objeto que agrega uma série de pequenos itens de vários materiais, como, luas, estrelas, feitiços de menino Jesus, chaves, cadeados, figuras de santos, figuras representando frutas entre outras, chamados de berloques.

Na penca de balangandãs encontramos, além dos berloques descritos acima, porém a mais popular delas, tanto na Bahia quanto em Minas Gerais foi a figa. Esse artefato corriqueiro tem sua origem longe no tempo, sendo as primeiras manifestações com essa peça ligada “a divindades fálicas da Caldéia”, como destaca Farelli (1981). A autora afirma que as figas africanas eram feitas em todos os metais e em pedras, das mais variadas cores.¹⁵

Além dos balangandãs, os homens não importando qualidade e condição, usavam anéis e pulseiras com intuito de afastar o mal, ou seja, joias ligadas à algum tipo de superstição. Normalmente essas pulseiras eram de cobre, mas prata e ouro também foram usados na feitura desses objetos de valor mágico para proteger os usuários de pragas e invejas. Usadas também com grande valor devocional, revelam tanto a devoção por esse ou aquele orixá ou, como as verônicas¹⁶ ou medalhas demonstravam a predileção por esse ou aquele santo, assim como o uso de medalhas pelos católicos demonstrava a predileção por esse ou aquele santo.

Mesmo com o valor monetário sendo o principal foco dos inventários, as joias descritas nesses podem nos dar pistas da dinâmica social e econômica vivida pelos residentes na região onde os documentos foram produzidos e utilizados, ou seja, em Sabará. Em conjunto com os testamentos, cujos legados estão expressos, podem ser encontrados uma grande quantidade de joias, indicando grande fluxo econômico e, provavelmente, grande circulação de pessoas.

Os inventários mineiros, quando listam as joias, fazem-nos com sendo “ouro lavado”. Eram broches, anéis, cordões de ouro, brincos, laços, braceletes, enfim, ornamentos e artefatos em ouro utilizados na vida cotidiana e foram listados, mesmo que sem referência de técnica ou dimensões, como:

um par de brincos de aljofres com uma lasquinha de diamante cada hum que tem de peso suas oitavas de ouro que foi visto e avaliado pelos ditos avaliadores a mil e quatrocentos réis a oitava são dois mil e oitocentos réis – 2\$800.¹⁷

O conjunto de objetos arrolado nos inventários e testamentos nos permite vislumbrar o trânsito de culturas entre continentes: América, África, Europa e Oriente. Pela leitura dos documentos pesquisados é possível reconstruir histórias pessoais, a atuação dos homens e mulheres que portaram ornamentos corporais, bem como analisar a vida social do ornamento, ou, nas palavras de Ulpiano Meneses (1993): “aquele

¹⁷TBRAM, Museu do Ouro/Casa Borba Gato. CPO (05)52 (26). Inventário de Fernando Pereira Guimarães.

¹⁸MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Apresentação da Nova Série. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo: Nova Série, nº 5, 1993. p. 15

¹⁹A mestiçagem é uma proposta de renovação metodológica, conceitual e historiográfica proposta pelos professores do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, Dr. Eduardo França Paiva e Dr. Douglas C. Libby e recebendo contribuições de outros historiadores como Isnara Pereira Ivo, Ilton César Martins, Maciel Henrique Silva, Jener Cristiano Gonçalves entre outros. Ver: PAIVA, Eduardo França & IVO, Isnara Pereira. (orgs) Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-UFGM; Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008.

²⁰PAIVA, Eduardo França. Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII;

²¹MO/Casa Borba Gato. CPO-Test. Códice 2, ff. 86v-91. Testamento de Bárbara Gomes de Abreu e Lima – Sabará, 12 julho de 1735

em que sai de um uso cotidiano e costumeiro para relançar-se em novo ciclo”.¹⁸

As adaptações culturais foram práticas muito utilizadas em Minas Gerais do século XVIII. Pessoas de várias condições e qualidades misturavam-se pelas ruas estreitas das vilas, bem como nos caminhos das roças e fazendas mineiras. Essa mistura gerada pelo intenso trânsito trouxe a reboque a mestiçagem cultural, conceito largamente discutido por historiadores¹⁹ e que encontram eco no testamento de Bárbara Gomes de Abreu e Lima.

A negra forra Bárbara Gomes de Abreu e Lima que após garantir sua liberdade ainda em Sergipe D’El Rei, veio para Minas Gerais, instalando-se na Comarca do Rio das Velhas.²⁰ Em 1735, foram registrados em cartório seus legados testamentais. Não apenas objetos de uso pessoal que foram listados, mas também objetos referentes à sua cultura, já que entre os itens estavam objetos tidos com mágicos, componentes de uma penca de balangandás, objeto de cunho mágico, muito comum entre as escravas e forras na Bahia, porém muito pouco utilizado nas Minas Gerais. Entre os objetos estavam:

(...) seis cordões pesando cento e uma oitavas, um se acha empenhado na mão de Thereza de Jezus, mulher de Antonio Alves por vinte oitavas e tres na mão de Jozé Ferreira Brazam donde se acham dois cordões emendados que fazem um, quarenta oitavas, um cordão com uma águia, um pente, uma estrela, uma argola solta, um coração, tudo em ouro, também empenhado na mão de Jozé Ferreira Ferreira Brazam, um cordão de ouro, um feitio de menino Jesus de ouro pesando cinco oitavas, umas argolinhas de ouro pesando quatro oitavas, uma senhora de feitio de Nossa Senhora da Conceição pesando tres oitavas e meia, uns brincos de aljôfar e uns botões de ouro, umas argolinhas de ouro pequenas, uma bola de âmbar, uma volta de cotais engranzados em ouro, um coral grande com uma fica pendurada, tudo em ouro, quatro colheres de prata e uma faca com cabo de prata, duas memórias de embressadeiras, dois pares de botões de anáguas abertos no buril, tudo empenhado na mão de Manoel de Magalhaens por sete oitavas, o que meus testamenteiros desempenharão. Item tenho empenhado mais um cordão de ouro com peso que se achar na mão de Jozé Rodrigues de Souza por vinte oitavas que meus testamenteiros desempenharão.

21

Essa parte descrita em seu testamento demonstra não só a riqueza da personagem, mas mostra também como ela se articula e se insere na sociedade de Minas Gerais, mesclando as joias tidas com sendo da cultura negra, ou mística, como os pequenos pingentes em forma de águia, estrela, argolinhas, coração ou bola de âmbar, que nada mais são do que peças que compõem o balangandá, com também possuía joias que eram tidas como sendo joias da religião católica, como o feitio de menino Jesus, ou um feitio de Nossa Senhora da Conceição, demonstrando que a joia é transversal.²²

Outro exemplo de transversalidade e apropriação cultural motivada pelo trânsito é o do Padre Thomas de Moura, que morreu em Sabará em 27/04/1785. Em seu inventário constam:

um cordão de ouro fino avaliado em 24\$800 (vinte e quatro mil e oitocentos réis); uma cruz com feitio do Santo Christo, avaliado em 4\$112 (quatro

²²Esses adornos corporais são relativamente transversais nas diferentes sociedades, atravessando, em termos sociológicos, os diversos estratos, desde o povo às elites.

²³MO-Casa Borba Gato. CSOI-(59)446. Padre Tomas de Moura, 1785

²⁴A pedra em questão parece ser a ágata, pela semelhança com o globo ocular de um réptil, se lapidado em cabochão, que é a lapidação da pedra na forma arredondada e sem faces. Servia para proteção contra picada de cobra. Com relação à documentação: AEAM. Testamento de José Bernardes, fl. 4, pasta 0687, 01/01/1738.

²⁵FRANCO, Antonio. Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus na Corte de Lisboa.

²⁶MOL, Claudia Cristina. Mulheres forras: cotidiano e cultura material em Vila Rica (1750-1800). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte. 2002. (História, Dissertação de mestrado) p. 121.

²⁷BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v., disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. p.195. Acesso em 15/07/2011.

mil, cento e doze réis), um anel de ouro com uma pedra branca avaliado em 1\$000 (um mil réis), e dois fios de corais engranzados, avaliado em 3\$600 (três mil e seiscentos réis).²³

No mesmo inventário encontra-se descrita uma quantidade considerável de livros relacionados ao exercício do sacerdócio e alguns de filosofia. Entre eles citamos um tomo de Soares de penitência em folio, dois tomos de Soares cursos Filosóficos em folio velhos, um tomo de Amaro dos Anjos Sermões, 11 tomos de Cornélio Alaúde em folio, cinco tomos de Nova Floresta Bernardes, 15 tomos de Sermões do Padre Vieira, uma Bíblia Sacra, entre outros volumes. A lista é extensa e apresentou mais de 40 itens relacionados a literatura.

Na sociedade mineira setecentista fazia parte do cotidiano a necessidade de proteção. Ao menos é o que podemos aferir face ao grande número de artefatos que remetem a essa preocupação, como amuletos e talismãs. José Bernardes, nascido em Sabará e que registrou seu testamento em Mariana no ano de 1738 compactuava dessa preocupação. Na documentação foi listado um anel cuja descrição nos remete à função de proteção.

dois aneis de ouro, um com olho de víbora e uma lamina peque/ (ilegível) em roda de ouro com suas pétalas....²⁴

A importância desse anel reside no fato de conectar dois locais bem distantes, já que foi registrada uma manifestação dessa crença na proteção contra mordedura de cobras com essa pedra proveniente da ilha de Malta.

Corria o ano de 1719, quando Antonio Franco publicou o livro “Imagem da virtude em o noviçado da Companhia de Jesus na Corte de Lisboa” onde narra o episódio referente ao olho de víbora. Naquela ocasião o jesuíta escreveu que “dera o padre João de Brito a hum dos seus cristãos hum olho de víbora, dos que vem da Ilha de Malta e por meio dos quais pela intercessão de São Paulo livra Deus do veneno da mordedura peçonhenta. O cristão o engastou num anel... “o texto continua com a história de que o anel salvou da morte por mordedura um homem, fato que ocorreu entre “mais de sessenta pessoas entre cristãos e gentios”.²⁵

As joias, como afirma Mol (2002), “guardavam em si um significado simbólico amplo que abarcava desde o material utilizado em sua confecção até as formas obtidas”.²⁶ Elas têm múltiplas funções, mas não deixam de ser joias, ou seja, objetos preciosos com que as pessoas se adornam, porque joia, em termos gerais e como descrito no verbete do dicionário do padre Bluteau,²⁷ Mas neste texto vamos entender como “joia” o artefato feito com materiais nobres, ou seja, ouro, prata ou platina, que podem ou não ter nesse metal, pedras cravadas. Então estamos tratando das correntes, anéis, cadeias e outros artefatos sem o uso de pedras.

Os moradores de Sabará, assim com os moradores de outras localidades escolhiam esse ou aquele objeto para adorno corporal, para composição do seu dote, para demonstração de riqueza e de vaidade, pela afeição aos materiais nobres ou mesmo como proteção. Passaram a portar certos tipos de joias em função de alguma tendência ou prática rotineira, respeitando, como já mencionado, certas referências culturais. Os objetos que mais aparecem listados nos inventários são os botões, seguidos dos brincos e dos cordões de ouro. Vários desses objetos foram usados como reserva de valor e tiveram sua função alterada, pois vários deles encontravam-se empenhados ou penhorados em mãos de terceiros. Os anéis foram os objetos menos escolhidos para o adorno. Provavelmente, o anel não era um adorno apreciado em função da dificuldade que ele proporcionava no

²⁸ Imagem em computação gráfica feita no Laboratório de Prototipagem do Centro de Estudos em Design de Gemas e Joias pelo professor Henrique Lana.

manuseio de qualquer coisa, ou seja, podia impedir algum trabalho manual, mas mesmo assim esteve presente nos inventários setecentistas consultados, já que estamos de uma sociedade que se fazia pelas aparências.



Fig. 2 – Anel oval, em ouro, com cercadura de crisólitas, tendo ao centro, pedra branca lapidada em cabuchon. À direita, uma representação do anel oval.

Fonte: Foto do arquivo do Museu do Ouro – Sabará.

Concluidações Finais

As joias não só objetos de adorno pessoal e sim objetos que demonstram diferentes práticas sociais em que os usuários desfilavam ataviados, ora como demonstração de poder, ora usavam as joias como moeda de troca. Em alguns casos são formas de celebrar cultura, mas invariavelmente os usuários estavam propensos a se mostrarem. Essas diferentes práticas se irradiaram por todo corpo social do século XVIII em Minas Gerais, que provavelmente viam nesses artefatos forma de pecúlio para um negócio, por exemplo.

As joias são, nessa perspectiva, objetos que adquirem outros significados, e, por serem transversais, o que significa que pode-se encontrar esses ornamentos em quase todas as camadas sociais, estão presentes nos egressos da senzala, na casa grande, no sertão, na cidade, no negro, no branco, no pardo, ou seja, são determinadas por cada grupo social que as utilizam. Elas, então, passam a ter uso e funções diferenciados para cada possuidor, podendo ser adquiridas em função da economia, da estética, da magia ou mesmo da religião, obedecendo a um gosto, a uma norma socialmente imposta, ou mesmo para preservar uma tradição.

Minas Gerais fez renascer a discussão da condenação ao luxo. O Mercantilismo já vinha propondo a revogação desse conceito medieval em que a Igreja Cristã havia imposto que o luxo era reprovável por que impelia os homens a saírem do marco do sustento e da humildade perante Deus. O ouro mineiro e os objetos feitos a partir do metal e das pedras preciosas fomentaram a essência do parecer, tão importante para o mercantilismo quanto o ter.

Ao que tudo indica, nas Minas Gerais do século XVIII, esse paradoxo permaneceu. Entre o possuir e demonstrar – máxima mercantilista – e a humildade católica escolheram ambos. Demonstraram poder e riqueza, ostentando memórias, crucifixos de ouro, santinhos, breves e cruces de diversos tama-

nhos e técnicas variadas.

Enquanto o discurso do equilíbrio e o viver para o sustento perdia força na Europa, Minas Gerais já tinha sedimentado essa prática, atraindo cada vez mais mão de obra qualificada, aventureiros e bandos de corruptos. Se o luxo é nocivo ao ser humano aos olhos da Santa Igreja Católica, a demonstração de riqueza é necessária para atrair mais investimento.

Alheio a isso, a sociedade mineira do século XVIII, que estava em formação constante, adornou-se sem culpa, usou o ouro como padrão monetário, adornou-se com joias e pedras preciosas, compartilhou crenças e costumes ao utilizar e comercializar peças em coral e âmbar e viveu, da melhor maneira possível, tendo o Barroco com pano de fundo.

Anexo – 1

Quadro 1. Proprietários de ornamentos corporais por sexo, estado civil e condição social – Comarca do Rio das Velhas – 1722 - 1806

HOMENS								MULHERES							
Casados		Solteiros		Viúvos		n/declarad o		Casadas		Solteiras		Viúvas		n/declarad o	
20		10		1		1		19		5		1		1	
Libre s	forro s	Libre s	forro s	Libre s	forro s	Libres	forros	Libre s	forro s	Libre s	forro s	Libre s	forro s	Libres	Forros
18	2	10	0	1	0			15	4	0	5	1	0		

Fonte: Inventários do Primeiro e Segundo Ofício da Casa Borba Gato em Sabará 1722- 1806

Referências

BARBOSA, Duarte 1518. - *Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa* - Lisboa: Publicações Alfa, 1989

BARRETO, Luís Filipe. *Em torno de Duarte Barbosa*. Novos dados bibliográficos, In: *Broteria, Lisboa*, 111 (5) Novembro de 1980, pp. 431 – 437

BAUDRILLARD Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Ed. 70, 2007

BAUDRILLARD, Jean. *The System of Objects*, London: Verso. 1968

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v., disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp.p.195>. Acesso em 15/07/2011.

FARELLI, Maria Helena. *Balangandãs e figas da Bahia: o poder mágico dos amuletos*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 1981

FRANCO, Antonio. *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesu na Corte de Lisboa*. 2 vols. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 1718.

LIMA JUNIOR, Augusto. *História dos diamantes nas Minas Gerais: século XVIII*. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1945.

MACK, John. *The art of small things*. British Museum Press: London, UK. 2007.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Apresentação da Nova Série. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, Nova Série, nº 5, 1993.

MOL, Claudia Cristina. *Mulheres forras: cotidiano e cultura material em Vila Rica (1750-1800)*. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte. 2002. (História, Dissertação de mestrado)

OZANAN, Luiz Henrique. *A joia mais preciosa do Brasil: joalheria em Minas Gerais – 1735-1815*. Tese (doutorado em História). Belo Horizonte: UFMG. 2013.

PAIVA, Eduardo França & IVO, Isnara Pereira. (orgs) *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-UFGM; Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008.

PAIVA, Eduardo França. Trânsito de culturas e circulação de objetos no mundo português. In: PAIVA, E. F. *Brasil-Portugal: sociedades, culturas e formas de governar no mundo português - séculos XVI-XVIII*. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2006, p. 113-129.

SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos em Minas Gerais durante o ciclo do ouro (1695-1755): relações com a Inglaterra*. São Paulo: Pioneira; São Bernardo do Campo, SP: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1992.

SILVA, Simone Trindade Vicente. *Referencialidade e representação: um resgate do modo de construção de sentido nas pincas de balangandãs a partir da coleção Museu Carlos Costa Pinto / Simone Trindade Vicente da Silva*. Dissertação (Mestrado Artes Visuais) UFBA, Salvador: 2005.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. *A Joalheria em Portugal: 1750-1825*. Porto: Livraria Civilização Editora. 1999.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Ourives de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX*. RIPHAN. Rio de Janeiro, n. 12, 1955.

VASCONCELOS, José Leite. *Signum Salomonis, a figa, a barba em Portugal*. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1996